

INSTITUTO	
	<b>Documentação</b>
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	
Data	14/9/2000 Pg
Class.	06

Pessoal,

Para sua informação e debate. Talvez a maioria não tenha sido informada sobre este caso.

Retirei o núcleo da argumentação do texto (não assinado por antropólogos, mas por zoólogos, ecólogos e botânicos) ver abaixo:

"...Existem abundantes provas científicas, baseadas em estudos feitos inclusive na Mata Atlântica, de que a caça de subsistência, o extrativismo e a destruição de habitat realizadas por populações ditas tradicionais pode causar reduções significativas ou mesmo a extinção das espécies afetadas. Populações indígenas não são, per se, imunes a causar destruição ambiental, como alguns fazem crer. Isto é mais grave na Intervalles considerando o estado de degradação geral da Mata Atlântica, mesmo em áreas supostamente protegidas. A permanência de uma população que tem sua forma de vida baseada na caça, extrativismo e agricultura de coivara no interior de uma unidade de conservação é incompatível com as finalidades da mesma, independentemente da etnia dessa população. No caso de Intervalles a continuada presença Guarani ameaça a integridade de uma área única, e do próprio patrimônio nacional, assim designado pela Constituição Nacional, que é a Mata Atlântica. Sua presença é incompatível com a finalidade primeira daquela área.

E aí ?

Abraços

Sandra

\*\*\*\*\*

From: "ws" <warney@unicamp.br>  
To: <ant-br@listhost.uchicago.edu>  
Date: Thu, 14 Sep 2000 15:21:36 -0300  
Subject: [Ant-Br] Indios X Meio Ambiente ?

Oi pessoal

Aí vai uma carta de pesquisadores ambientais de Campinas e Rio Claro e que abre uma polêmica entre defensores de índios e defensores ambientais

Acho uma coisa fundamental ser discutida e se possível uma resposta enviada a esses pesquisadores

0618

Warney Smith - Unicamp

---

Prezado Senhor

---

O Parque Estadual Intervales, na Serra de Paranapiacaba, em São Paulo, é reconhecido internacionalmente como uma das mais importantes áreas remanescentes de Mata Atlântica, sendo uma das poucas áreas protegidas que ainda abrigam a quase totalidade das espécies originais daquele ecossistema. Nesta área protegida, destinada por lei à conservação ambiental, à pesquisa, à educação e ao lazer da população, já foram encontradas cerca de 300 espécies de aves, 80 de mamíferos, 50 de anfíbios, 19 de serpentes e 31 de peixes. Apenas dentre as aves, 20 espécies são consideradas como globalmente em perigo de extinção.

Intervales, juntamente com seu vizinho, o Parque Estadual Carlos Botelho, é considerado como a melhor esperança de sobrevivência a médio e longo prazo de populações de espécies ameaçadas como jacutingas e monos-carvoeiros. A exuberância da biodiversidade de Intervales se deve principalmente ao fato desta e de Carlos Botelho terem sido criados com a preocupação de resolver suas questões fundiárias, da existência de um efetivo esquema de proteção e de não haver ocupantes humanos em seu interior. Outras áreas protegidas na Mata Atlântica, mesmo algumas mais famosas que Intervales, onde esses cuidados não foram tomados, apresentam biotas empobrecidas e tiveram algumas espécies localmente extintas pela caça, destruição e fragmentação de habitats e outras atividades humanas, que continuam devido à presença de ocupantes em seu interior.

O Parque Estadual Intervales é uma das áreas de Mata Atlântica melhor conhecidas no país devido a um ativo programa de pesquisas realizado em seus diversos núcleos. Este já produziu dezenas de teses de mestrado e publicações científicas, colaborando consideravelmente para o conhecimento da ecologia e das bases para o manejo do patrimônio nacional que é a Mata Atlântica. Além de oferecer excelente infra-estrutura, um dos grandes atrativos de Intervales para a pesquisa é a existência de comunidades biológicas ainda largamente intactas e completas.

Este patrimônio encontra-se ameaçado desde que um grupo de índios Guarani Mbya estabeleceu-se no setor conhecido como Quilombo à revelia do órgão gestor do parque. Este grupo, originalmente proveniente da região de Misiones, na Argentina, migrou para o Brasil, onde estabeleceu-se no Parque Nacional do Superagui. Posteriormente cisões internas e a crescente escassez de caça levaram à divisão do grupo, que no final de 1992 foi levado ao vizinho Parque Estadual da Ilha do Cardoso. Em ambas as unidades de conservação laudos técnicos constataram danos significativos causados pelo desmatamento para abertura de roças, extração de palmito e caça, inclusive para comercialização, de espécies animais protegidas por lei, algumas inclusive criticamente em perigo de extinção.

Nova cisão do grupo levou à saída de algumas famílias da Ilha do Cardoso que, por coincidência surpreendente, se estabeleceram em outra unidade de conservação, a Estação Ecológica Juréia-Itatins, em abril de 1998, acompanhados por índios de outras aldeias. Ainda uma nova cisão levou à saída de um grupo da Juréia que, de forma mais surpreendente ainda, conseguiu localizar e se estabelecer no remoto núcleo Quilombo do Parque Estadual Intervales. Nesta área, que por mais de três décadas não havia sido registrada nenhuma perturbação humana significativa, os Guarani imediatamente iniciaram a derrubada da floresta para a abertura de roças, a retirada de palmito e a caça. Pesquisadores trabalhando no vizinho núcleo Saibadela agora convivem com o ruído de disparos de armas de fogo, o que era desconhecido até então.

---

065

Existem abundantes provas científicas, baseadas em estudos feitos, inclusive na Mata Atlântica, de que a caça de subsistência, o extrativismo e a destruição de habitat realizadas por populações ditas tradicionais pode causar reduções significativas ou mesmo a extinção das espécies afetadas. Populações indígenas não são, per se, imunes a causar destruição ambiental, como alguns fazem crer. Isto é mais grave na Intervalles considerando o estado de degradação geral da Mata Atlântica, mesmo em áreas supostamente protegidas.

A permanência de uma população que tem sua forma de vida baseada na caça, extrativismo e agricultura de coivara no interior de uma unidade de conservação é incompatível com as finalidades da mesma, independentemente da etnia dessa população. No caso de Intervalles a continuada presença Guarani ameaça a integridade de uma área única, e do próprio patrimônio nacional, assim designado pela Constituição Nacional, que é a Mata Atlântica. Sua presença é incompatível com a finalidade primeira daquela área.

Devemos chamar a atenção para a existência de mais de 15.000 Guaranis na região de onde os Mbya vieram, e que estão sofrendo a pressão da ocupação crescente da região missionera pela agricultura. O precedente já criado no Parque Nacional Superagui, Parques Estaduais Intervalles e Ilha do Cardoso, e Estação Ecológica Juréia-Itatins, poderá resultar no crescente fluxo de populações indígenas para o interior das unidades de conservação da Mata Atlântica, com a resultante destruição das mesmas.

As unidades de conservação não podem ser encaradas como locais para onde comunidades indígenas, cuja tradicionalidade no litoral paulista e Vale do Ribeira sob o ponto de vista histórico e arqueológico é discutível, possam ser relocadas.

Reconhecemos que as populações indígenas tem direitos assegurados por lei. Mas o restante da sociedade brasileira também os tem, e a ocupação do Parque Estadual Intervalles coloca nosso direito constitucional a um meio ambiente sadio e íntegro em grave risco, além de apresentar uma grave ameaça ao patrimônio nacional representado pela Mata Atlântica e pela biodiversidade que ela contém.

Dessa forma nós, conservacionistas e pesquisadores, invocando o princípio cautelar, já que o dano causado pode ser irreversível, e nossos direitos como cidadãos, solicitamos das autoridades competentes as providências necessárias para que os Guarani Mbya retirem-se do Parque Estadual Intervalles e se estabeleçam em áreas que não sejam unidades de conservação e onde suas atividades não afetem a integridade do que resta da Mata Atlântica. As unidades de conservação abrangem apenas 3% do estado de São Paulo. Devem haver áreas suficientes nos 97% restantes onde os Guarani possam se estabelecer e atuar como parceiros na conservação, e não na destruição, da Mata Atlântica.

Também solicitamos providências para apurar como grupos indígenas provenientes de países vizinhos adquiriram o conhecimento sobre a localização das unidades de conservação nas quais adentraram. Suspeitamos fortemente de que há indução para a ocupação dessas áreas por parte de setores com interesses outros, talvez interessados em criar alguma demanda que os beneficie.

Atenciosamente

Subscreventes

Dr Mauro Galetti, Departamento Ecologia, UNESP-Rio Claro

06(4)

Dr Wesley R. Silva, Departamento de Zoologia, UNICAMP  
Dr André V. Freitas, Departamento de Zoologia, UNICAMP  
Dr Marco A. Pizo, Departamento Botânica, UNESP-Rio Claro  
Dra. Patrícia C. Morellato, Departamento Botânica, UNESP-Rio Claro  
Dr Marcos Rodrigues, UFMG, Belo Horizonte  
Dr Fábio Olmos, Consultor Ambiental  
Dr Célio Haddad, Departamento Zoologia, UNESP-Rio Claro  
Dr Edwin O. Willis, Departamento Zoologia, UNESP-Rio Claro  
Dra Yoshica Oniki, Departamento Zoologia, UNESP-Rio Claro  
Prof. Valesca Zipparro, Departamento Botânica, UNESP-Rio Claro  
Prof. Adelar Mantovani, Departamento Botânica, UNESP-Rio Claro  
Prof. Rudi Laps, Departamento de Zoologia, UNICAMP  
Prof. Alexandre Aleixo, Louisiana State University, USA  
Dr. Stuart Marsden, Manchester Metropolitan University, Inglaterra  
Carina Denny, Departamento de Farmacologia, CPQBA-UNICAMP  
Marina Fleury, Departamento Ecologia, UNESP-Rio Claro  
Julio Voltolini, UNITAU, Taubaté  
Tadeu de Melo Jr., Departamento Zoologia, UNESP-Rio Claro  
Alexander Christianini, Departamento Ecologia, UNESP-Rio Claro  
Paulo Guimarães Jr., Departamento de Zoologia, UNICAMP  
Eliana Cazetta, Departamento Ecologia, UNESP-Rio Claro  
Maria Flávia C. Nunes, Departamento Ecologia, UNESP-Rio Claro  
Paulo Rubim, Departamento Ecologia, UNESP-Rio Claro

=====

Paulo Guimarães Jr

Não leve a vida tão a sério. Afinal, você não vai sair vivo dela mesmo!

Φ6(5)

— Mensagem original —

De: sara nanni [mailto:sarananni@hotmail.com]

Enviada em: sexta-feira, 25 de agosto de 2000 07:45

Para: socioambiental@socioambiental.org; redacao@carosamigos.com.br

Assunto: Jornalismo Investigativo: Os Guarani e Unidades de Conservação

Recentemente produzi uma grande-reportagem sobre a presença de uma aldeia Guarani Mbya no Parque Estadual da Ilha do Cardoso, enfocando a problemática da sobreposição de terras indígenas e Unidades de Conservação Ambiental no Estado de São Paulo.

O Parque Estadual da Ilha do Cardoso (PEIC) localiza-se no litoral sul do Estado de São Paulo, no município de Cananéia. A região em que se encontra, o Vale do Ribeira, é reconhecido mundialmente pela importância de suas áreas verdes existentes dentro de inúmeros parques, estações ecológicas e áreas de proteção ambiental. É no Vale do Ribeira que estão os últimos remanescentes de Mata Atlântica do estado. E todas estas áreas podem ser tidas como AMEAÇADAS...

Os Guarani Mbya estão na Ilha do Cardoso desde 92. A partir desta data a polêmica teve seu início. Ambientalistas, indigenistas, órgãos governamentais e não-governamentais começaram a debater a questão. Até hoje não chegaram a um consenso e o debate sempre foi difícil.

A matéria é realmente complexa, pois abrange aspectos políticos, ambientais e sociais, e resultou de um estudo de quase um ano. Morei nove meses em Cananéia, onde fazia estágio no PEIC na área de jornalismo ambiental, podendo observar de muito perto o problema. Além disso, pude muito bem entender como funciona a política ambiental no Brasil e os reflexos disso em outras questões, como a indígena.

Foi com este trabalho que concluí, no dia 17 de agosto, o curso de Comunicação Social-Habilitação em Jornalismo na Universidade Estadual Paulista - UNESP. O projeto foi aprovado com a nota máxima.

Creio na necessidade de divulgar este material. Existe pouca informação circulando a respeito, principalmente quando se trata dos Guarani do Estado de São Paulo. Gostaria de saber se existe o interesse de vocês em publicar a matéria. Eu, como jornalista, fico responsável pelo conteúdo da mesma. "Responsável" porque esta reportagem é também um exercício de jornalismo investigativo, incluindo uma série de denúncias contra as instituições governamentais e não-governamentais envolvidas na questão.

Aguardo resposta para que então eu envie o material.

Atenciosamente,  
Sara Nanni  
telefone (19) 287 40 06

Obs.: como moro em Campinas, poderia pessoalmente levar o material em São Paulo. Além da reportagem com fotos, existe um relatório de pesquisa muito detalhado, com mais de 100 páginas, para garantir e provar a credibilidade do trabalho.

---